

# ALDO CALVET

## TEATRO

# DIÁLOGO DOS OPOSTOS

Drama - 2 atos

### PERSONAGENS:

VICENTE - 91 anos

GABRIEL - 86 anos

### SÍNTESE:

Vicente se encontra com Gabriel em idêntica situação rumo ao fim da vida. Conversam sobre diversos assuntos. Vicente sempre foi ladrão. Nada obteve de duradouro, além de perseguição constante e cinquenta anos intercalados de cadeia. Gabriel foi sempre trabalhador. Trabalhou toda a existência. Nada conseguiu de vantajoso senão meio salário mínimo com desconto para cobrir rombo financeiro de outrem. Vicente e Gabriel estão na indigência.

Observando a conduta de Vicente, entendemos que, em quase um século de roubo, já não devíamos supor que estivesse ali apenas uma simples e irresistível tendência cleptomaniaca, mas uma nova filosofia de vida a ser difundida, principalmente porque, ao lado - em Gabriel - estava a personificação do trabalho, aquele que trabalhou continuamente e chegou à conclusão que trabalhar a vida inteira também resulta em nada. Mas, então, como enriquecer - ambição maior do homem? Só é possível enriquecer explorando as fraquezas do semelhante. A exploração mais fácil é ter como assalariado ou escravo o homem. No mercado de trabalho o explorador pode ser uma empresa privada e pode ser também o Estado. O acúmulo de riqueza reside na espoliação do homem pelo homem, até porque dos animais de tração de manejo dócil, por demasiado domesticável e adulator, é o homem, exatamente, o que menos cria atritos e o que pouco dispêndio diário causa em salário e ração.

# ALDO CALVET

## TEATRO

Vicente e Gabriel só chegam à exatidão desta verdade quando, já macróbios, não dispõem mais de tempo para exercerem a única profissão rendosa existente em toda sociedade do mundo - a de patrão ou amo.

“O convívio dos opostos é a maior homenagem que podemos prestar à liberdade”

Tristão de Athayde

### TRECHOS:

“VICENTE - (Confidencial) Conto só pra você. É segredo profissional. Não conta pra ninguém. Eu sempre tive uma inclinação invencível pra me apossar de tudo...

GABRIEL - (Corta) Apossar...

VICENTE - De tudo dos outros.

GABRIEL - Porra! Não entendi.

VICENTE - Apossar. Tomar posse, tá entendendo, velho tonto?

GABRIEL - Tá bom. Você trocou as bolas.

VICENTE - Que bolas?

GABRIEL - Você quer dizer, roubar tudo dos outros. É isso?

VICENTE - Roubar é muito vulgar. No meu particular tratado de rapinagem defino assim o verbete: apossar - impulso instintivo de violência contra um objeto que pertence a outrem. (Ri)

GABRIEL - Atrevido e cínico. Apossar-se do que não lhe pertence é roubo aqui e na Conchinchina.

VICENTE - Não me enche o saco que eu te arrebento os cornos, seu velho bunda-mole.

# ALDO CALVET

## TEATRO

GABRIEL - Que adiantou esse roubo todo se tu tá numa merda que faz gosto?

VICENTE - Que merda, que nada. Só por que durmo aqui?

GABRIEL - Fica praí todo orgulhoso: nunca trabalhei, nunca trabalhei.

VICENTE - E nunca trabalhei mesmo.

GABRIEL - A vadiagem ainda é contravenção, malandro.

VICENTE - A vadiagem, sim. A viadagem, não.

GABRIEL - Então, você troca a vadiagem pela viadagem.

VICENTE - Porra! Lá vem você com as suas indiretas.

GABRIEL - (Alto) Tá bem, tá bem. Não trocou. É vadiagem.

VICENTE - Pára de falar berrando, seu velho mal educado.

GABRIEL - Tá com medo, hein, malandro?

VICENTE - Vivi livre, sem patrão pra me foder a paciência.

GABRIEL - (Debochando) Livre. Tá com medo da polícia. Viveu sempre com medo. Viver se escondendo não é livre porra nenhuma.

VICENTE - Reconheço que tudo foi inútil.

GABRIEL - Tudo. Roubando ou trabalhando.

VICENTE - Só tive uma vantagem: nunca fui empregado de ninguém.

GABRIEL - Eu sempre fui empregado de alguém.”

# ALDO CALVET

## TEATRO

“VICENTE - Era um tal de faturar e desfaturar...

GABRIEL - Safadeza, sacanagem, putaria.

VICENTE - Tinha que subornar.

GABRIEL - Subornar?

VICENTE - Pra eu fugir da prisão. Dinheiro alto.

GABRIEL - Então... Uma nota preta.

VICENTE - Levavam tudo. Fechavam o olho e levavam.

GABRIEL - Compreendo. Teus colegas de quadrilha...

VICENTE - (Corta) Que quadrilha nada. Não agia com quadrilha. Eram comparsas, colegas. Só que eles tinham muita autoridade...

GABRIEL - Estou manjando...

VICENTE - Gabriel, vou te confessar meus fracos: roubo e mulher. Roubar tudo e desejar a mulher do próximo ou a mulher do distante.

GABRIEL - Bom. Noutros tempos... Agora, você não deseja mais nada. Agora, velhinho, você tá na pior brochura...

VICENTE - (Corta) Brochura é uma só...

GABRIEL - (Corta) Não. A pior é a da falta de interesse.

VICENTE - Você também não tem mais interesse. Não vai me enganar que tem.

GABRIEL - Às vezes. De madrugada. (Outro tom) Roubar e desejar a mulher dos outros - dois grandes pecados. Nem o João Paulo te salva.

# ALDO CALVET

## TEATRO

VICENTE - Ponto de vista. Olha, meu pobre Gabriel, você também tem um grande pecado.

GABRIEL - Eu?

VICENTE - Você, burro de carga. Você não fez mais nada na porca da vida. Só trabalhou. Vive, agora, dessa migalha: cobranças de contas perdidas e meio salário mínimo...

GABRIEL - (Corta) Com desconto para a previdência.

(Riem ambos)

VICENTE - Descontar meio salário mínimo, chega a ser desumano. Gabriel, estou desconfiado que você ainda vai acabar sendo preso.”

“VICENTE - Você, Gabriel, pode me chamar até de santo.

GABRIEL - (Mesmo jogo) Aí também é demais. É uma calúnia.

VICENTE - Não me ofende.

GABRIEL - Tá insensível o Rosinha de Bagé. (Ri) Escuta, você foi ladrão...

VICENTE - (Interrompe) Foi, não. Tou velho mas não tou morto, porra! (Depois de breve pausa, observa com interesse Gabriel tirar de uma sacola um embrulhinho) Que é isso, velho cretino?

GABRIEL - Um pedaço de pão, velho podre.

VICENTE - Vai deixar por aí dando sopa, vai, velho infame?

GABRIEL - Não vou não, velho viado, não vou deixar não.

VICENTE - Sabe que estou ficando tentado, velho vil?

# ALDO CALVET

## TEATRO

GABRIEL - Pode ficar tentado como quiser, velho salafrário. O pão é de minha propriedade.

VICENTE - (Transtornado) Propriedade. Velho babão. Tu me desafia...

GABRIEL - (Corta) Propriedade! (Repete, frisando) Pro-pri-e-da-de.

VICENTE - Açambarcador desgraçado!

GABRIEL - Minha propriedade, seu velho bunda-mole. Minha!

VICENTE - (Lambendo os beiços) Te descuida, te descuida...

GABRIEL - Eu, me descuidar do pão? (Gesto) Aqui, ó!

VICENTE - (Suplicante) Finge que se descuida... que esqueceu...

GABRIEL - Vai foder outro, vai. Não vou esquecer porra nenhuma. É minha refeição da manhã. Um pãozinho de nada.

VICENTE - Não é a quantidade...

GABRIEL - O que te seduz, o que te atrai (gesto) é isto aqui. Toma, velho putto!

VICENTE - Que merda! Chego a ficar com ódio de mim mesmo.

GABRIEL - Tu não vai furtar meu pedaço de pão, velho cretinaço. (Mostra) Este não vais roubar de jeito nenhum.

VICENTE - Calma, Gabriel, calma. Fica calmo. Eu te explico. Com minha idade, não posso me aventurar, sabe? Roubos maiores. Perigo. Técnica nova. Não tenho a mesma destreza. Preciso me contentar com pequenos roubos, roubinhos.

GABRIEL - Espera, Vicente. Pergunto: você é meu condômino. Somos habitantes do mesmo teto. Da mesma habitação coletiva. Que que há?

VICENTE - Me perdoa, Gabriel, não é a fome, entendes? Não é a necessidade que me...

# ALDO CALVET

## TEATRO

GABRIEL - (Corta) Sei, sei. Você não suporta a propriedade dos outros...

VICENTE - (Corta) É isso! É isso!

GABRIEL - Vai roubar aquela padaria ali em frente. O portuga é rico. Poderoso...

VICENTE - (Corta) Rico, poderoso...

GABRIEL - (Corta) Ele te dá um tiro logo, tu vai descansar em paz.

VICENTE - Gabriel, você não me compreende. Não existe pra mim poderoso ou não poderoso. Vê se entra na tua cuca, vovô amigo. Tu não tem cabeça só como enfeite, porra!

GABRIEL - Não entendo nada. Não quero entender porra nenhuma, entendeu?

VICENTE - (Suplicante) Gabriel, escuta: eu roubo teu pedaço de pão. De manhã, você dá por falta. Chora. Pede. Implora. Eu devolvo teu pedaço de pão. Tá? Não vou nem comer essa merda.

GABRIEL - Velho ladrão maníaco, este pedaço de pão tu não vai roubar. Se empregar a força, eu te mato.

VICENTE - De violência, não topo. (Depois de breve pausa) Por uma migalha de pão... Caramba! Matar um cidadão...

GABRIEL - Nunca pude suportar a fome. A fome me apavora. É, talvez, uma doença gástrica crônica, sei lá. Uma deficiência do suco gástrico, dizia o médico. De manhã, eu tenho de comer um pedacinho de pão. Faço isto desde criança. Fui acostumado. Mamãe e papai tiravam o pão da boca...

VICENTE - (Entra na fala) Dos outros pra te dar.”

# ALDO CALVET

## TEATRO

“GABRIEL - Sei, sei. Quando eles souberem que você, Vicente, roubou tanto e morreu na indignação, são capazes até de deixar de roubar.

VICENTE - Como você está enganado. Não sabe nada de nada, meu fracassado contemporâneo. O roubo é uma instituição universal. Não é privilégio brasileiro. O roubo existe desde que o mundo é mundo. O roubo está no corpo e na alma do homem. Jesus Cristo morreu entre dois ladrões. Não entre dois trabalhadores. Dois ladrões, seu Gabriel, dois ladrões e levou um com Ele pras glórias do céu. Vai dizer que não?

GABRIEL - Se você tá pensando que vai se salvar das fogueiras do inferno dando uma de Simas, tá enganado, enganadinho, seu velho cara-de-pau. Roubo é roubo. Roubou tá no pau. Você já tá livre da justiça dos homens, mas vai pegar a justiça de Deus: inferno brabo.

VICENTE - Porra! Chega! Chega! Chega de discussão. A gente só tá discutindo, trocando pichação.

GABRIEL - Também dou um chega. Depois a gente fala que os governos não se entendem e tome guerra, é uma atrás da outra, se somos aqui dois infelizes no fim da vida e a gente não se entende e tome...

VICENTE - (Corta) Pois é. Quase vamos aos tapas.

GABRIEL - É isso. Deixa pra lá os defeitos. Todo mundo tem defeito. Cada um vive como pode, do jeito que pode.

VICENTE - Tudo muda, sabe? Com o tempo as coisas vão mudando. O mundo é outro. Cada ladrão tem sua época.”